



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



*A MAÇÔNICA  
CONJURAÇÃO  
BAIANA*

Márson Alquati

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**G002c5**

Alquati, Márson, 1972 –

***A Maçônica Conjuração Baiana.*** Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/A Maçônica História do Brasil.

17 páginas.

1. Maçonaria. 2. História do Brasil. 3. Sociedades Secretas. 4. Revoluções Separatistas. 5. Conjuração Baiana.

**G002c5**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Como citar este documento:**

ALQUATI, Márson. *A Maçônica Conjuração Baiana*. In: História da Maçonaria: A Maçônica História do Brasil. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

## **SUMÁRIO**

I – A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA .....	<b>04</b>
II – A LOJA MAÇÔNICA “CAVALEIROS DA LUZ” .....	<b>07</b>
III – A DEFLAGRAÇÃO DO MOVIMENTO.....	<b>09</b>
IV – A FASE DE REPRESSÃO.....	<b>11</b>
V – REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO.....	<b>15</b>
VI – BIBLIOGRAFIA.....	<b>17</b>



# ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



## CONJURAÇÃO BAIANA - 1798

### *A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA*

A história da conquista da liberdade geralmente é escrita a sangue e com muito sacrifício. No Brasil também foi assim. A Independência se construiu à custa das vidas de inúmeros heróis e idealistas que se sacrificaram em nome de uma Pátria livre e soberana para o seu povo.

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

Não devemos nos iludir de que a Independência nos tenha vindo mansa e pacificamente. Sempre que alguém se levantou contra a tirania e a opressão, a reação da Coroa Portuguesa foi impiedosa e imediata.

Bernardo de Melo, em 1710, deu o primeiro grito de República nas Américas, em Olinda, no Senado da Câmara daquela cidade. Não foi uma revolução. Foi apenas um sonho que levou o seu autor a terminar os seus dias nos calabouços do Limoeiro.

Filipe dos Santos, em 1720, também teve as suas ideias libertárias. Como recompensa, ganhou a morte tendo o seu corpo amarrado a cavalos e dilacerado nos calçamentos de sua cidade: Vila Rica.

Depois foi a vez da “Inconfidência Mineira”, cujos membros foram duramente perseguidos, e Tiradentes acabou condenado à forca, o seu corpo esquartejado e os restos mortais espalhados por toda a região. E então, chegou a vez dos baianos se rebelarem contra o despotismo português.

A “Conjuração Baiana”, que também ficou conhecida como “A Revolta dos Alfaiates”, foi um movimento separatista que contou com a participação de sapa-teiros, alfaiates, bordadores, ex-escravos e escravos.

Em outro campo de atuação, essa revolta também teve o apoio de padres, médicos e advogados.

Para compreender a deflagração do movimento, devemos nos reportar à transferência da capital da colônia para o Rio de Janeiro, em 1763.

Com tal mudança, Salvador (antiga capital) sofreu com a perda dos privilégios e a redução dos recursos destinados à cidade. Somado a tal fator, o aumento abusivo dos impostos e as exigências coloniais vieram a piorar sensivelmente as condições de vida da população local<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Extraído do site: MUNDO EDUCAÇÃO – HISTÓRIA DO BRASIL – A CONJURAÇÃO BAIANA, 2016.

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

A Capitania da Bahia foi governada por D. Fernando José de Portugal e Castro de 1788 a 1801. A capital, Salvador, fervilhava com queixas contra o governo, cuja política elevava os preços das mercadorias mais essenciais, causando a falta de alimentos, chegando o povo a ter de arrombar os açougues, ante a ausência de carne, por exemplo<sup>2</sup>.

Ao mesmo tempo, as notícias do êxito alcançado nos processos de Independência dos Estados Unidos e do Haiti, e a deflagração da Revolução Francesa (1789), reacenderam os ideais de liberdade e igualdade defendidos pelo pensamento iluminista.

Em 1776 os Estados Unidos haviam declarado a sua Independência; e em 1794, uma rebelião de negros havia resultado num banho de sangue na Ilha de São Domingos nas Antilhas Francesas, onde hoje situam-se o Haiti e a República Dominicana.

Poderia isso se repetir no Brasil? Certamente<sup>3</sup>.

Só no século XVIII haviam entrado no Brasil mais de um milhão de escravos para trabalhar nas regiões auríferas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. A presença de tantos cativos era potencialmente explosiva. O pavor das rebeliões de escravos tirava o sono das famílias brancas, abastadas e bem-educadas.

Na outra ponta da corda, empolgados com tais processos revolucionários nos EUA, na França e na Ilha de São Domingos, alguns representantes dos setores médios e elites, ligados à Maçonaria, montaram uma sociedade secreta denominada “Cavaleiros da Luz”.

Durante suas reuniões, os Cavaleiros da Luz discutiam a organização de um movimento anticolonialista e a criação de um novo governo baseado em princípios republicanos e liberais.

---

<sup>2</sup> BARRETO (2015, p.11).

<sup>3</sup> GOMES (2014, p. 121).

## ***A LOJA MAÇÔNICA “CAVALEIROS DA LUZ”***



No propósito de explorar ao máximo a sua propriedade na América, impunha o governo português impiedosamente o seu domínio, conservando os brasileiros inteiramente alheios aos acontecimentos do mundo exterior. Para tanto, eram tomadas as medidas mais radicais e absurdas, ao que, naturalmente, reagiam os colonos, organizando-se em grêmios literários e culturais, onde se discutiam, dentre outros, assuntos relacionados com a nossa emancipação política. Tais grêmios, clubes ou associações, geralmente de cunho maçônico, foram criados com o escopo único de promoverem a Independência do Brasil.

Manoel Gomes<sup>4</sup> relata que apesar da rigorosa vigilância, registra-se já em 1797, na Bahia, a existência de uma sociedade secreta com a denominação “Cavaleiros da Luz”, de caráter maçônico, funcionando como uma organização que visava a adesão a uma ideologia democrática republicana, servindo-se da crítica situação econômico-social da província.

---

<sup>4</sup> GOMES (1975, p.36-37).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

Entre os componentes dessa sociedade, militava o padre Agostinho Gomes, que se tornou famoso por sua participação em vários movimentos que tinham por finalidade a separação do Brasil.

Já Hércule Spoladore<sup>5</sup> fornece outros detalhes sobre essa sociedade, explicando que em 14 de julho de 1797 teria sido fundada uma “Loja Maçônica” a bordo da fragata francesa “*La Preneuse*”, na Bahia, pelo comandante Larcher, a qual teria sido denominada “Cavaleiros da Luz”.

Segundo o autor em questão, teriam sido os seus fundadores: José da Silva Lisboa, padre Agostinho Gomes, Cipriano Barata, Ignácio Bulcão, Francisco Muniz Barreto, Domingos da Silva Lisboa, José Borges Barros e o tenente Hermógenes de Aguiar Pantoja, além do comandante Larcher e seus homens.

Willian Almeida de Carvalho<sup>6</sup>, por sua vez, concorda que a primeira referência a uma Loja Maçônica brasileira que se tem notícia teria sido fundada em águas territoriais da Bahia, em 1797, na fragata francesa “*La Preneuse*”, e que fora denominada “Cavaleiros da Luz”; e acrescenta que pouco tempo depois a mesma acabaria sendo transferida para a Barra, um bairro de Salvador.

Contudo, reitera ele que a primeira Loja “regular” do Brasil foi a “Reunião”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, filiada ao Oriente da Ilha de França (“*Ille de France*”), antigo nome das Ilhas Maurício, à época possessão francesa e hoje britânica.

E, de acordo com estes historiadores e muitos outros, foi no interior dessa Loja, em suas reuniões secretas, que a Revolução foi delineada e posta em movimento.

---

<sup>5</sup> SPOLADORE (2015, p.20).

<sup>6</sup> (CARVALHO, 2016).

## **A DEFLAGRAÇÃO DO MOVIMENTO**



Os revoltosos pregavam a libertação dos escravos, a instauração de um governo onde as pessoas fossem vistas e valorizadas de acordo com a sua capacidade e merecimento individuais, além da instalação de uma república na Bahia, a liberdade de comércio e o aumento dos salários dos soldados.

Tais ideias eram divulgadas, sobretudo, pelos escritos do soldado Luiz Gonzaga das Virgens e pelos panfletos incendiários de Cipriano Barata, ambos maçons.

Em 12 de agosto de 1798, eclodiu o movimento propriamente dito, com alguns dos seus membros menos destacados distribuindo panfletos na porta de igrejas ou colando-os nas esquinas da cidade.

Os revoltosos afixavam manifestos manuscritos nos lugares públicos da cidade exigindo “*o fim do detestável jugo metropolitano de Portugal*”, a abolição da escravatura e igualdade para todos os cidadãos, especialmente mulatos e negros<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> SKIDMORE (1998, p.55).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

Um desses boletins, de caráter nitidamente revolucionário e maçônico, começava assim:

*Animai-vos Povo Baiense, que está para chegar o tempo feliz da Liberdade: o tempo em que todos seremos iguais.*

Outro, de fundo nitidamente iluminista, por seu aspecto radical e anticlerical, asseverava de forma mais enfática, dirigindo-se principalmente aos representantes da Igreja<sup>8</sup>:

*O Povo Baiense Republicano ordena, manda e quer que para o futuro seja feita a sua digníssima revolução nesta cidade; portanto, manda que seja punido com a pena de morte natural para sempre todo e qualquer padre que no púlpito, confessionário, exortação, modo, forma, maneira, etc., persuadir aos ignorantes e fanáticos, com o que for nocivo e inútil à causa da Liberdade e ao Bem Comum do Povo.*

Os mais exaltados pregavam o enforcamento de parte da população branca de Salvador.

Podemos inferir, no entanto, que a participação dos “Cavaleiros da Luz” foi relativamente limitada. Muitos dos seus integrantes não concordavam com as discussões de cunho social, como no caso da abolição da escravidão, por exemplo. Paralelamente, os seus membros que eram a favor da conjuração distribuíam panfletos, convocando a população apenas a se posicionar contra o domínio de Portugal e não a promover um banho de sangue como queriam os mais radicais.

Mas de qualquer forma, o clima de insubordinação chegou aos quartéis, e as ideias que já haviam animado Minas Gerais, foram amplamente divulgadas, encontrando eco, sobretudo, nas classes mais humildes.

---

<sup>8</sup> FAGUNDES (1975, p. 79).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

O principal líder do movimento foi o maçom Cipriano Barata de Almeida, renomado cirurgião, conhecido como “médico dos pobres” e “revolucionário de todas as revoluções de seu tempo”.

Isto alertou as autoridades que prontamente reagiram, detendo-os. Tal como na “Conjuração Mineira”, os líderes foram interrogados e acabaram delatando os demais envolvidos.

## **A FASE DE REPRESSÃO**



A repressão do governo português foi imediata e duríssima.

Durante a fase de repressão, centenas de pessoas foram denunciadas – desde militares, clérigos, funcionários públicos e pessoas de todas as classes sociais. Destas, 49 foram detidas, a maioria buscando demonstrar inocência<sup>9</sup>, dos quais nove eram escravos.

Os membros da elite envolvidos no movimento foram condenados a penas mais leves ou tiveram as suas acusações retiradas. Dezesesseis ganharam a liberdade e os demais foram banidos para a África.

---

<sup>9</sup> BARRETO (2015, p.11).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

Em contrapartida, os populares, pobres, escravos, negros e mulatos que encabeçaram o movimento conspiratório foram presos, torturados, mortos e esquartejados. Buscando reprimir outras revoltas no futuro, o governo português expôs os restos mortais dos revoltosos punidos com a pena capital espalhados pela cidade de Salvador.

Dos líderes principais, apenas quatro foram mortos: João de Deus do Nascimento, Manuel Faustino dos Santos Lira, Lucas Dantas Amorim Torres e Luiz Gonzaga das Virgens.

Um dos líderes da revolta, o maçom João de Deus Nascimento, que ganhava a vida como alfaiate, preconizava que *“todos se fizessem franceses para viverem em igualdade e abundância”*, numa clara alusão aos ideais e princípios iluministas norteadores da Revolução Francesa. Foi executado e esquartejado em praça pública, no centro da capital baiana. A sua cabeça ficou exposta em frente à casa onde morava. Os demais pedaços de seu corpo foram cruelmente largados em vários pontos da cidade, abandonados ao relento por cinco dias e noites, com a estrita finalidade de servirem de exemplo.

O pesquisador Jorge Muniz Barreto<sup>10</sup> narra esse momento com as seguintes palavras:

*Finalmente, em 08 de novembro de 1799, condenados à pena capital, foram enforcados: os soldados Lucas Dantas do Amorim Torres e Luiz Gonzaga das Virgens, os alfaiates Manuel Faustino dos Santos Lira e João de Deus Nascimento. O quinto condenado à pena capital, o ourives Luís Pires fugiu, jamais tendo sido localizado. Todos os envolvidos tiveram os seus nomes e memórias “amaldiçoados” até a 3ª geração.*

*Os despojos dos executados foram expostos da seguinte forma: a cabeça do*

---

<sup>10</sup> BARRETO (2015, p.11).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

*soldado Lucas Dantas ficou espetada no Campo do Dique do Desterro; a de Manuel Faustino, no Cruzeiro de São Francisco; a de João de Deus, na Rua Direita do Palácio; e a cabeça e as mãos de Luiz Gonzaga ficaram pregadas na forca, levantada na Praça da Piedade, a principal da cidade na época. Esses despojos ficaram às vistas da população por cinco dias, tendo sido recolhidos no dia 13 de novembro, pela Santa Casa de Misericórdia; que os fez sepultar em local desconhecido.*

*Os demais envolvidos foram condenados à pena de degredo.*



Manoel Gomes<sup>11</sup> também descreve a sua versão dos fatos:

*Quatro deles – todos mulatos livres – acabaram sendo decapitados e esquartejados. Pedacos de seus corpos foram espetados em estacas pelas ruas da capital, onde ficaram até se decompor totalmente. Dezesseis prisioneiros ganharam a liberdade. Os demais seriam banidos para a África.*

Ao que o mesmo autor, em outra obra<sup>12</sup>, complementa:

<sup>11</sup> GOMES (2014, p.121).

<sup>12</sup> GOMES (1975, p.38).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

*Não houve indulto a nenhum dos 34 réus julgados num movimento que, sabe-se, envolveu mais de 600 pessoas. O menor castigo foi o degredo.*

*Trinta e quatro réus foram julgados, de um movimento que envolvia mais de seiscentas pessoas, entre elas vários maçons, que foi a “Conjuração Baiana” (1799), também chamada “Revolta dos Alfaiates”.*

A 05 de novembro de 1799, eram condenados Lucas Dantas de Amorim Torres, João de Deus Nascimento, Manoel Faustino dos Santos e Luiz Gonzaga das Virgens à pena de:

*“[...] com pregão e baração fossem conduzidos pelas ruas públicas da cidade, à Praça da Piedade, onde, na força que para este suplício se levantara, mais alta do que a ordinária, morram de morte natural e para sempre, depois do que lhes serão separadas as cabeças e os corpos feitos em quartos”.*

A execução realizou-se na manhã do dia 08 de novembro, três dias depois da sentença, na “Praça da Piedade”.

A exemplo do que ocorrera no Rio de Janeiro, quando do enforcamento de Tiradentes, também em Salvador, as tropas foram distribuídas pelo caminho por onde deveriam desfilar as vítimas da justiça Real.

Ao enforcamento seguiu-se a lúgubre cerimônia do esquartejamento dos corpos ainda quentes, separando-se lhes as cabeças para serem fincadas em altos postes<sup>13</sup>.

Para finalizar, Francisco de Assis Carvalho<sup>14</sup> conclui:

*“A cerimônia de execução marcou o final da Conjuração Baiana, movimento genuinamente maçônico, onde predominava a luta contra a tirania e a prepotência”.*

---

<sup>13</sup> GOMES (1975, p.32-33).

<sup>14</sup> CARVALHO (1996, p.165).

## REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO

São por demais escassos os documentos. Ainda hoje, pouco se sabe sobre a “Conjuração Baiana”, também denominada “Revolta dos Alfaiates”. Todavia, apesar do quase total desconhecimento dos pormenores, sabe-se quais foram os objetivos revolucionários, e o nome de alguns dos participantes dentre cerca de 600 pessoas implicadas no movimento, bem como se sabe haver sido o movimento organizado sob inspiração maçônica<sup>15</sup>.

Destarte, a “Conjuração Baiana” foi, indiscutivelmente, um grito clamoroso de liberdade, de homens destemidos e idealistas, que se atiraram numa luta desigual contra o governo opressor. É inegável também que se tratou de um movimento de consideráveis proporções.

Segundo Manoel Gomes<sup>16</sup>, os conjurados baianos, imbuídos dos ideais da Revolução Francesa, desejavam implantar a República. Idealistas autênticos, eles seguiam um panorama de ação claramente de origem maçônica, pois lutavam pela liberdade de pensamento e de religião, pela abolição da escravatura (não todos, mas a grande maioria) e a instalação de um regime republicano-democrático, baseado na igualdade geral de direitos.

Se os inconfidentes mineiros se prendiam diretamente à ideia de uma república à imagem e semelhança da República dos Estados Unidos da América do Norte, por sua vez os conjurados baianos depositaram as suas esperanças na República Francesa. E se Tiradentes foi o único enforcado, em 1792, no Rio de Janeiro, sete anos mais tarde, em 1799, em Salvador, foram quatro os enforcados e esquartejados, levados ao sacrifício pelos mesmos ideais de liberdade e igualdade que animaram a Tiradentes e seus conterrâneos<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> (D'ALBUQUERQUE, 1970).

<sup>16</sup> GOMES (1975, p.32).

<sup>17</sup> GOMES (1975, p.37).

**A MAÇÔNICA CONJURAÇÃO BAIANA**

Para encerrar este capítulo, nada melhor do que a opinião do renomado historiador Pedro Calmon<sup>18</sup> sobre se houve ou não uma efetiva participação maçônica na “Conjuração Baiana”:

*Os papéis que ficaram desta conspiração, pouca luz fazem nos mistérios em que ela se perdeu. Parece-nos que alguns homens poderosos se agitaram por trás dos alfaiates e que era maçônico o segredo que os unia.*

Desvende mais sobre a “**Maçônica História do Brasil**” nos nossos próximos trabalhos...



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

---

<sup>18</sup> (CALMON, 1940).

## **BIBLIOGRAFIA**

BARRETO, Jorge Muniz. ***A Maçonaria Respondendo aos Desejos dos Brasileiros e Culminando na Independência do Brasil***. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Inform. nº 1807. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1807.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1807.pdf) >. Acessado em 18/10/2015.

CARVALHO, Willian Almeida de. ***Pequena História da Maçonaria no Brasil***. Site Biblioteca Digital. Disponível em: < <https://bibliot3ca.wordpress.com/pequena-historia-da-maconaria-no-brasil-william-almeida-de-carvalho/> >. Acessado em 08/02/2016.

D'ALBUQUERQUE, Arci Tenório. ***A Maçonaria e as Revoluções Pernambucanas***. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1970.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. ***A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução***. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

GOMES, Laurentino. ***1808: Como Uma Rainha Louca, Um Príncipe Medroso e Uma Corte Corrupta Enganaram Napoleão e Mudaram a História de Portugal e do Brasil***. 2ª edição. São Paulo, SP: Ed. Planeta do Brasil, 2014.

GOMES, Manoel. ***A Maçonaria na História do Brasil***. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

MUNDO EDUCAÇÃO. ***A Conjuração Baiana***. In: Site Oficial “Mundo Educação – História do Brasil”. Disponível em: <<http://mundoeducacao.com/historiadobrasil/a-conjuracao-baiana.htm>>. Acesso em: 19/02/2016.

SKIDMORE, Thomas E. ***Uma História do Brasil***. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998.

SPOLADORE, Hércule. ***O Areópago de Itambé e sua Influência nas Revoluções Brasileiras***. Florianópolis, SC: in: Informativo Diário JB News - Informativo nº 1837. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1837.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1837.pdf) >. Acessado em: 15/10/2015.